

PARA INGLÊS VER

"Eleito" em segundo lugar com apenas 104 votos de um colégio eleitoral restrito e antidemocrático, sem a participação da comunidade universitária que é de cerca de 80 mil pessoas, indicado pelo governador e empossado há pouco mais de 3 meses na função de reitor da USP, Rodas o "fiador do diálogo na Universidade", começa a mostrar como realmente se faz um bom diálogo na Universidade. Em seus diversos pronunciamentos na mídia e em seu programa de gestão, sempre disse que o diálogo, a transparência e a valorização dos funcionários seriam prioridade. Porém, em pouco tempo de gestão e com 7, repetimos, 7 reuniões com os funcionários, parece que diálogo para o "senhor" Rodas é simplesmente falar, falar e falar, sem apresentar nenhuma proposta concreta para as diversas reivindicações apresentadas pelo Sindicato já em sua primeira reunião com o reitor no final do ano passado. Assim, nossa primeira conclusão é que Rodas deve dialogar apenas com seu espelho.

Rodas não foi o reitor escolhido pela universidade, sendo assim, ganhou tempo com o "discurso do diálogo" e organizou o seu apoio junto à burocracia acadêmica com a divisão dos cargos e, até, inventando novos cargos na estrutura acadêmica, para facilitar o arranjo interno das forças que o apoiam.

Feito isso, o terreno estava pronto e a imagem de bom mocinho não era mais necessária. Começava assim a implementação de sua política de dividir para governar.

Em paralelo, como presidente do CRUESP, quebrou a isonomia salarial na universidade entre docentes e funcionários. Alegando, falsamente, uma "reestruturação da carreira docente" (como uma reestruturação de carreira atinge também aposentados e reajuste igual para todos?), deu 6% de reajuste para todos os docentes das 3 universidades Estaduais Paulistas e, pior, às vésperas da campanha salarial unificada das 3 universidades. Em seguida, deixou a presidência do CRUESP e transferiu a sua sede para fora das Universidades. Foi à imprensa e escreveu um artigo, em um jornal de grande porte, dizendo que a Sociedade Paulista, os estudantes, seus pais, etc., que financiam a USP através do ICMS, deveriam tomar partido da defesa do Reitor, em uma escandalosa incitação ao conflito na USP. Na verdade, ele convidou todos os Paulistas a serem contra os Funcionários da sua própria universidade. O que estaria por trás de tais afirmações na Folha de São Paulo? Valorizar os funcionários da USP ou desmoralizá-los perante a chamada "Sociedade Paulista" que financia a USP? E o Diálogo? A transparência? O respeito?

Indignados com tanta hipocrisia por parte do Reitor "fiador do diálogo", os funcionários da USP, legitimamente defendendo que sejam respeitados e valorizados em suas funções, como membros efetivos e insubstituíveis desta Universidade, buscaram, através do diálogo, a defesa da isonomia salarial entre docentes e funcionários e que os 6% de reajuste dado aos docentes fossem repassados também aos funcionários. O que recebemos em resposta? A negação do diálogo e nenhum reajuste!

Não tivemos outra saída senão ir à GREVE LEGÍTIMA de nossa categoria, única arma possível dos trabalhadores quando suas reivindicações LEGÍTIMAS e JUSTAS são negadas.

Para aprofundar o quadro de total desrespeito aos funcionários, e sem propostas ao nosso pedido de estender o reajuste dado aos docentes para os funcionários, Rodas, 5 dias antes do início de nossa greve, entrou na justiça com uma liminar que prega uma intimação jamais vista em nosso país nos últimos 20-25 anos.

Além da tentativa de intimidar o Sintusp, ou melhor, os funcionários, com pesadas multas, foi mais cruel: disse em uma circular interna que vai cortar os salários dos funcionários em greve. Esse é o diálogo que o interventor do governo do Estado na USP propõe!

E não parou por aí os ataques do Sr. Rodas aos funcionários. Ficamos perplexos com que ele falou em entrevista à Rádio Bandeirantes, onde acusa nosso sindicato de contratar “mercenários” para coagir os próprios funcionários da USP, em mais um claro desrespeito a nossa dignidade e passível de processo de assédio moral contra Rodas.

Começa a fazer uma série de “mudanças administrativas” à revelia de seus funcionários, inclusive de chefes e coordenadores, em uma clara política de humilhação e desmonte da universidade. Sem nenhum plano prévio que possa levar a uma melhor adequação dos serviços prestados pela universidade, fecha setores, serviços e transfere para fora da Universidade uma série de unidades, como a gráfica e o setor de manutenção do prédio da antiga reitoria e museus.

Será que os problemas que a Universidade enfrenta são apenas de ordem administrativa ou também estrutural?

Será que mudando a Administração central para o centro de São Paulo ajudaria a melhorar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão da universidade?

Será que o Reitor, extinguindo o setor de recursos humanos, melhoraria a carreira dos funcionários, ou não se precisa de uma carreira, pois todos tendem a serem terceirizados?

Será que a opinião de quem constrói a maior e melhor universidade da América Latina, os seus funcionários, não seria importante em um projeto de reestruturação da universidade?

Será que não seria a própria universidade o melhor lugar para discutir os seus problemas e não o governo de plantão em sua Secretaria de Ensino Superior?

Rodas tenta posar, e faz esse papel muito mal, de “homem democrático e da justiça” da “reitoria colegiada”, porém seus atos, de fato, trazem consigo uma política administrativa populista, autoritária e centralizadora, bem diferente do que tenta passar para a comunidade acadêmica e para a chamada “sociedade paulista”.

Essa política “transparente e democrática” de Rodas tem um nome: “A Universidade Mínima”, nos moldes do “Estado mínimo” pregado pelo PSDB em sua política neoliberal, que começou com Covas, continuou com FHC e vem sendo implementada por Serra no Estado (vide os decretos de Serra em 2007). Uma política que pode levar a uma dissociação entre Ensino, Pesquisa e Extensão, e que seria o fim da universidade que sempre defendemos, de qualidade, pública, gratuita e a serviço da sociedade brasileira. Serra e o PSDB não aceitam que a educação seja prioridade no País e que a USP tenha autonomia acadêmica e financeira. Ele sempre quis retirar ou diminuir a cota parte do ICMS para as universidades paulistas e, para que isso se concretize, há a necessidade de que seu interventor de plantão, o Sr. Rodas, implante uma política de arrocho, desmonte, precariedade e desvalorização de seu quadro funcional. Em nossa opinião, isso é somente a ponta do *iceberg*. Os docentes e estudantes não devem ter nenhuma ilusão no “discurso do diálogo” dele, pois já se fala que nem o preenchimento dos claros de docentes e funcionários conseguidos com muita luta no último ano ele vai implementar.

O objetivo maior de Rodas é promover uma maior fragmentação do ensino na Universidade, onde o aluno é mero coadjuvante do processo de ensino e pesquisa.

REINTEGRAÇÃO DE BRANDÃO E RETIRADA DOS PROCESSOS!